

Sobre o uso variável do subjuntivo em português: um estudo de tendência

Erica Almeida & Dinah Callou

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Abstract

This paper discusses the variable use of subjunctive in embedded clauses and the analyses are based on four samples of standard dialect from two urban centers of Brazil, recorded in two different periods of time, the 70's and the 90's, for a short term real time study. The use of subjunctive in embedded clauses - around 20%, in general - is triggered by the semantic/lexical component of the main clause (the matrix verb), and is related to another semantic and syntactical factors. The results reveal age-group differentiation in both dialects and decades.

Keywords: subjunctive, embedded clauses, variable use, standard dialect.

Palavras-chave: subjuntivo, orações completivas, uso variável, fala culta.

1. Introdução

Este trabalho focaliza o uso variável do subjuntivo/indicativo, registrado não só em português, mas também em outras línguas românicas, como o francês (Poplack, 1992) e o espanhol (Rivero, 1971). A explicação usual para essa alternância é a de que há uma diferença de sentido entre as duas formas modais: com o modo indicativo, expressa-se a realidade de um fato; já com o modo subjuntivo, expressa-se eventualidade e potencialidade (*hipótese/irrealis*), sendo considerado pela gramática tradicional o modo prototípico da subordinação.

No Português do Brasil (PB), a alternância dos modos subjuntivo/indicativo não ocorre apenas em orações adverbiais – concessivas, principalmente – mas também em orações completivas, não obstante o fato de a gramática prescritiva selecionar, em alguns casos, apenas uma das formas, como se observa nos exemplos (1) e (2).

(1) *Embora o homem diga/*diz que está pobre*

(2) *A mãe de Maria não quer que ela vá/*vai*

A análise baseia-se em quatro amostras de fala culta (1570 ocorrências) de dois grandes centros urbanos do Brasil - Salvador (Região Nordeste) e Rio de Janeiro (região Sudeste) - gravadas em dois períodos discretos de tempo, décadas de 70 e de 90¹, para uma análise em tempo real de curta duração, nos moldes de Labov (1994), a fim de verificar se, em um período de vinte anos, ocorreu alguma mudança na comunidade ou se o fenômeno varia de um dialeto para o outro.

A hipótese aventada é a de que o uso do subjuntivo em orações completivas, inferior a 20%, deva ser vista a partir de cada um dos itens verbais, isto é, a partir dos traços semânticos do verbo da matriz. No caso de estruturas concessivas (acima de 80% de uso do subjuntivo), operam, além do elemento à esquerda da oração subordinada (conector concessivo), restrições de natureza sintática.

Estudos anteriores sobre o tema, no português do Brasil, (Pimpão, 1999, dentre outros) confirmam que existem verbos (exemplos 3 a 6) que admitem tanto as formas do indicativo, quanto as do subjuntivo, a saber, *acreditar/crer*, *supor*, *parecer* e *achar*. Com alguns desses verbos, *parecer* e *achar*, por exemplo, a presença de elemento de negação na oração matriz constitui contexto favorecedor à presença do subjuntivo na encaixada.

(3) *Creio que **seja/é** igual a aqui*

(4) *Eu suponho que isto **represente/representa** esta parte [...]*

(5) *Não parece que **seja/é** assim*

(6) *Eu não acho que você **tenha/tem** obrigação*

Gramáticas normativas e mesmo descritivas (Mateus *et al.*, 2005; Bosque & Demonte, 1999) já apontam restrições impostas por determinados verbos para a seleção do modo verbal. Em nossa amostra, verbos que exprimem a noção de volição, tais como *querer* e *preferir*, selecionam categoricamente o modo subjuntivo, nas duas décadas observadas, e os verbos que traduzem certa modalização do discurso - *achar*, *crer* e *pensar* - admitem o indicativo, conforme o grau de crença veiculado pela proposição.

(7) *Eu **quero** que se **saiba** que eu estou criticando...*

(8) *Eu **preferi** que **fosse** de ...de plástico*

(9) *Eu não **acho** que você **tenha** obrigação / Às vezes você **acha** que o edifício **está** mal organizado*

(10) *Samba **creio** que **possa** ser uma música regional / Eu **creio** que não **muda** ...*

(11) *Eu **pensava** que **fosse** sempre pela manhã / poucos ainda hoje **pensam** que **vão morrer***

A seleção do modo verbal pode estar condicionada a outros fatores semânticos e sintáticos, às vezes em competição, a saber, assertividade, modalidade, tipo de oração completiva (preferencialmente, argumento interno ao verbo), natureza do complementador, *que* ou *se* (muito raro).

¹ Todos os falantes possuem nível superior completo e estão distribuídos por três faixas etárias: faixa 1 - 25/35 anos; faixa 2 - 36/55 anos; faixa 3 - 56 anos em diante (www.lettras.ufrj.br/nurc_rj).

Nas estruturas concessivas, o uso do indicativo restringe-se, em princípio, aos casos em que a oração adverbial se encontra posposta à oração matriz e/ou é introduzida por certos conectores, como *embora* e *ainda que*. Conviria observar, também, a natureza do sujeito da oração subordinada e se está ou não expresso.

(12) *Nós também fazemos uso, **embora você** há de convir que é um uso moderado*

2. Análise dos dados

2.1 Orações completivas

Todos os trabalhos que conhecemos acerca das orações encaixadas - quer na perspectiva variacionista, quer funcionalista ou gerativista - destacam a necessidade de classificar os verbos de um ponto de vista semântico. As classificações clássicas - volitivo, emotivo, de opinião, assertivo, declarativo - não satisfazem plenamente, por serem difusas e se superpõem, muitas vezes, dificultando a análise. Verbos que costumam ser enquadrados sob o mesmo rótulo ('de opinião'), por possuírem traços semânticos semelhantes, tais como, *acreditar/crer, supor, achar, pensar, parecer* podem apresentar comportamentos diferenciados, em relação à seleção do modo verbal, pelo menos, no que se refere aos dados da amostra utilizada (Tabela 1).

Verbos de opinião	Oco/total	% Subjuntivo	% Indicativo
Acreditar/crer	34/50	68%	32%
Supor	04/04	100%	0%
Achar	123/1046	12%	88%
Pensar	05/16	31%	69%
Parecer	01/54	4%	96%

Tabela 1 – Frequência do modo de acordo com o verbo de opinião nas quatro amostras

A presença do indicativo/subjuntivo com esses verbos está diretamente relacionada à nuance semântica da proposição. É possível observar que, em alguns contextos, mais nitidamente, com '(eu) *acho que*' e sempre com o verbo na primeira pessoa do singular, a noção verbal quase desaparece ('*semantic bleaching*'), correspondendo, *mutatis mutandis*, ao modalizador *talvez*. No exemplo (14), o uso do advérbio *talvez* reforça a nuance de dúvida, expressa pela construção, e é, na verdade, o desencadeador do uso do subjuntivo. Nesses contextos, parece que ocorre a 'perda' da estrutura de complementação, inclusive podendo a expressão ser deslocada de sua posição básica, no início da oração, como ocorre no exemplo (15). Em nossa amostra, a expressão '(eu) *acho que*' é a forma mais recorrente de expressar 'opinião', como se pode observar na tabela 1, acima.

(13) ***Eu acho.** que eu me lembre assim..**que tinha** uns caldeirões enormes ...*

(14) ***Eu acho que** se a gente procurar em antiquários aí a gente **talvez** ainda **encontre** máquinas*

(15) *Eu acho que aqui no Rio não há assim uma... Acho que é...*

Convém esclarecer que o verbo *achar*, quando precedido de elemento de negação (exemplo 16), ou quando se refere à terceira pessoa (exemplo 17), mantém sempre o seu valor verbal. Com a partícula negativa na matriz, o verbo da completiva vai para o subjuntivo. Segundo Neves (2000), o elemento de negação na oração principal gera um efeito de compatibilidade com o valor de incerteza do subjuntivo, produzindo uma interpretação *irrealis*, com o verbo da oração encaixada no modo subjuntivo. Quando o elemento de negação está presente, o traço verbal se mantém e ocorre o subjuntivo.

(16) *Mas eu não acho que seja...*

(17) *Às vezes, você acha que o edifício está mal organizado..*

(18) *eu não acho que casar e ter filhos seja uma coisa natural, da vida*

A força do elemento de negação estende-se a outros verbos, como o declarativo *dizer*, exemplo (19), que também seleciona o subjuntivo, quando o verbo da matriz apresenta o traço de futuridade (formas do futuro ou do presente), exemplos (20) e (21).

(19) *eu não diria que as pessoas se reúnam num cinema porque...*

(20) *vamos dizer que ela já tenha casado há mais ...*

(21) *Digamos que a bola saia fora do gramado*

Por sua vez, um mesmo verbo, por exemplo, *acreditar*, pode traduzir efeitos de sentido diferenciados. Quando expressa a nuance estrita de ‘opinião’ (22), o verbo da encaixada ocorre no indicativo; por outro lado, quando a noção de hipótese prevalece (23), e está geralmente precedido de um modal, o verbo da completiva fica no subjuntivo. Também em relação a esse verbo, quando há um elemento de negação na sentença matriz (24), o subjuntivo é categórico.

(22) *eu acredito que eles... os dois têm objetivos*

(23) *a gente não podia acreditar que alguém pudesse ser morto né, fosse torturado*

(24) *eu não... não acredito que haja desastre por falta de segurança... quase sempre é por imprudência... de alguém...*

Nas quatro amostras de fala, há uma correlação entre o modo verbal da encaixada e o tempo do verbo da matriz, pois é apenas quando o verbo da matriz está no presente que existe a possibilidade de o verbo da encaixada estar no indicativo. Em relação a *pensar*, por exemplo, pode-se verificar que o verbo da encaixada vai para o modo subjuntivo, quando o verbo da matriz está no passado (pretérito perfeito ou imperfeito).

(25) *eu pensei/pensava que fosse alguma coisa que ele tivesse roubado ...*

Com o verbo *supor*, que expressa, fortemente, noção de hipótese/incerteza, a presença do subjuntivo é categórica, sem comprometimento com o valor da proposição.

Embora a modalidade seja semelhante, com o predicador *parecer*, o uso do indicativo é que predomina.

(26) *eu suponho que isto represente ...*

(27) *Parece que ela tem quarenta anos ...*

O verbo *gostar*, por sua vez, de que só há quatro ocorrências, sempre no futuro do pretérito, seleciona categoricamente o modo subjuntivo, exemplos (28) a (31).

(28) *Gostaria que não lembrasse da data*

(29) *Gostaria que você fosse bem sucedida*

(30) *Eu gostaria que eles mesmos fossem...*

(31) *Eu gostaria que eles escolhessem...*

Em suma, a análise dos dados revelou que é o verbo da matriz que determina, em primeira instância, o uso do modo verbal: há verbos que sempre selecionam ou que sempre rejeitam o subjuntivo, e alguns poucos que apresentam uso variável, como se pode verificar na Tabela 2. Em nossa amostra, no universo de 30 expressões verbais, apenas 17% admitem variação de modo.

É importante destacar que, de uma língua para outra, o mesmo verbo pode apresentar comportamento diferenciado: por exemplo, na fala culta do português do Brasil, o uso do subjuntivo, com o verbo *querer*, é categórico e, com o verbo *dizer*, apresenta uso variável; no francês canadense falado, segundo Poplack (1992), o uso do subjuntivo com *querer* só atinge 91% e com o verbo *dizer* é categórico.

100% subjuntivo	0% subjuntivo	Subjuntivo variável	%
supor	ver	acreditar	68%
pedir	ser/estar certo/convencido	achar	12%
querer	ser evidente	dizer	14%
duvidar	contar/narrar	pensar	31%
fazer (com que)	sentir	parecer	4%
ser preciso/necessário	perceber		
preferir	garantir		
gostar	lembrar/recordar		
	ser claro/óbvio		
	observar/notar		
	jurar		
	perguntar		
	reconhecer		
	ter certeza		

Tabela 2- Distribuição geral de verbos de acordo com o modo da oração completiva

Na fala não-padrão, com base nas amostras PEUL (80 e 2000), o número de verbos que apresentam uso categórico do subjuntivo se reduz. Verbos, como *querer* e *gostar*, já

admitem o uso do indicativo, 15% do primeiro e 17% do segundo (exemplos 32 e 33), o que vai de encontro ao que prescreve a norma gramatical.

(32) *O pai já quebrou a cabeça, eu não **quero** que o filho **quebra** também não.*

(33) *Eles usam palavras que você não **gosta** que eles **usam**.*

A análise de regra variável (Pintzuk, 1988) das quatro amostras tomou por base apenas os dados dos verbos que apresentavam variação de uso do modo verbal (cf. Tabela 1), excluídas as ocorrências do verbo *achar*, que, embora de alta frequência, tem, por vezes, o seu traço verbal anulado. Pode-se constatar (Tabelas 3 a 6) que o uso do subjuntivo (*input* .24)² chega a 23% e ocorre preferencialmente quando

- (i) a modalidade está relacionada à possibilidade ou à baixa certeza (Tabela 3);
- (ii) se relaciona à primeira pessoa e não à terceira (Tabela 4);
- (iii) existe um elemento de negação na sentença matriz (Tabela 5);
- (iv) o verbo da matriz está no passado (Tabela 6).

Modalidade	Oco / total	%	P.R.
Possibilidade	23 / 37	62%	.86
Baixa certeza	32 / 108	30%	.79
Alta certeza	02 / 100	2%	.11

Tabela 3 – Modalidade

Pessoa verbal	Oco / total	%	P.R.
Primeira pessoa	44 / 110	40%	.76
Terceira pessoa	13 / 135	100%	.28

Tabela 4 – Pessoa verbal

Assertividade	Oco / total	%	P.R.
Negação na matriz	14 / 19	74%	.92
Sem negação na matriz	43 / 226	19%	.45

Tabela 5 – Presença de negação

Tempo verbal	Oco / total	%	P.R.
Passado	13 / 53	25%	.80
Presente	42 / 172	24%	.43
Futuro	01 / 09	11%	.04

Tabela 6 – Tempo verbal

² No nível de seleção: log. likelihood -80.252 significance .003.

Além disso, a análise das cláusulas completivas relevou uma diferenciação por faixa etária: os mais velhos usam mais frequentemente as formas do subjuntivo do que os mais jovens (Tabela 7).

25 – 35	21%
36 – 55	22%
56 -	27%

Tabela 7- Uso do subjuntivo de acordo com a faixa etária (apenas dos verbos que admitem variação)

Refinando a análise, a partir da observação dos quatro verbos que admitem variação subjuntivo/indicativo, verifica-se que a distribuição não é a mesma, já que, a depender da região e da década analisada, há mudança na seleção do modo verbal.

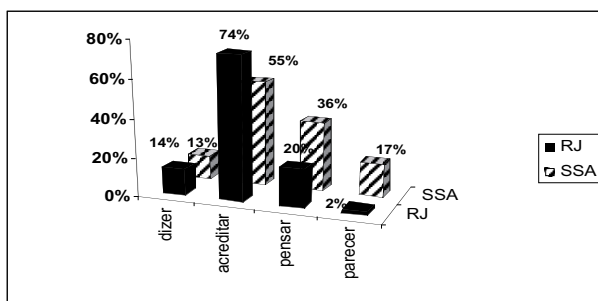


Figura 1- Distribuição de uso apenas por cidade

Com relação ao verbo *dizer*, por exemplo, tem-se comportamento semelhante nas duas cidades. As formas do subjuntivo com o verbo *acreditar* são mais frequentes no Rio de Janeiro do que em Salvador; já com relação ao predicador *pensar*, por sua vez, ocorre o contrário. A figura 2 evidencia que o uso do subjuntivo com o verbo *pensar* apresenta significativa redução, de 40% para 17%.

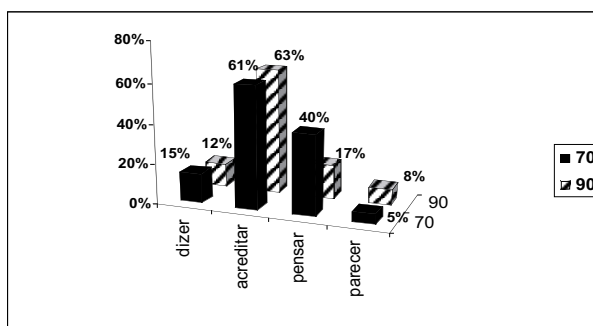


Figura 2- Distribuição de uso apenas por cada década

Comparando os falantes mais jovens (abaixo de 40 anos) com os mais velhos (acima de 40 anos), é possível dizer que os verbos *dizer* e *parecer* mostram relativa estabilidade.

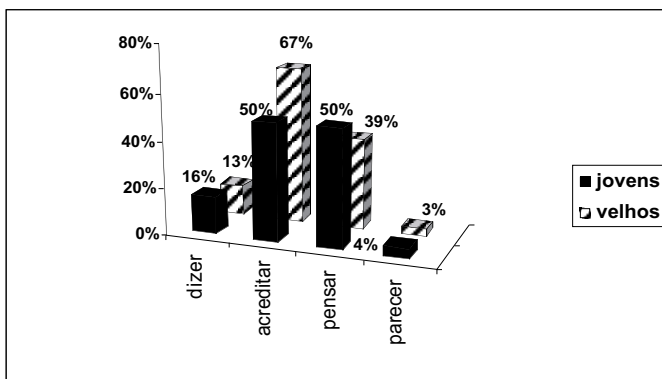


Figura 3 - Distribuição de uso por faixa etária

O cruzamento entre cidade e década (Figuras 4 e 5) por cada verbo dá uma idéia geral que o uso do subjuntivo, no Rio de Janeiro, da década de 70 para 90, é estável para os verbos *dizer* e *parecer* e instável com relação aos verbos *acreditar* e *pensar*. Em Salvador, ocorre uma diminuição geral, exceto com o verbo *parecer*. Mais uma vez, o item verbal da oração matriz aparece como forte restrição.

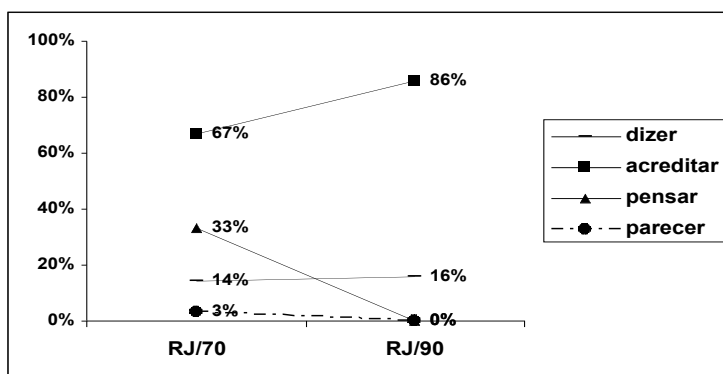


Figura 4 - Cruzamento entre o *tipo de verbo* e *década*, no Rio de Janeiro

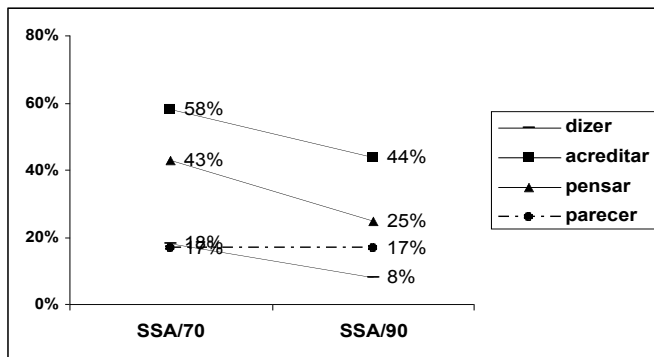


Figura 5 – Cruzamento entre o *tipo de verbo* e *década*, em Salvador

2.2 Orações concessivas

Conforme se afirmou na Introdução, nem todas as orações subordinadas apresentam comportamento idêntico com relação à frequência de uso do subjuntivo e ao tipo de condicionamento. Segundo a norma padrão, as adverbiais concessivas -- que exprimem conteúdo semântico que contrasta com o conteúdo esperado da proposição com a qual se combina -- apresentam uso obrigatório do subjuntivo, sem restrições. A forma do subjuntivo, para a gramática, seria a não-marcada.

Em 117 dados de fala culta, o subjuntivo só é categórico quando a oração subordinada é introduzida pelo conector *por mais que*.

(34) *Por mais que a minissaia fosse, que elas considerassem bonitas, eu acho que elas não tinham...*

No que se refere à questão da ordem, verificou-se que, em geral, as orações concessivas aparecem pospostas à matriz (87%). No universo de concessivas antepostas (13%), foi registrado apenas um exemplo com o verbo na forma do indicativo, com o conector *apesar de (que)*, em falante da faixa 3 (56 anos em diante) e na década de 90.

(35) *Apesar de que hoje é a mesma coisa, nível secundário, você só encontra o que é o Colégio Pedro II.*

3. Estabilidade ou mudança?

No que se refere às variáveis extra-lingüísticas, foi possível verificar, em relação às estruturas completivas, que qualquer conclusão genérica fica prejudicada, em virtude de o universo de verbos que recusam o subjuntivo ser elevado e haver uma distribuição diferenciada por item verbal, em cada uma das cidades e décadas.

De maneira geral, foi possível registrar

- (i) uma tendência à mudança, no que tange àqueles verbos que apresentam uso variável do subjuntivo, nas duas comunidades;

- (ii) uma distribuição diferenciada de uso por faixa etária, em ambos os dialetos e décadas;
- (iii) uma diferenciação por cidade, explicável, talvez, pelo aumento significativo da migração interna em Salvador, gerando, conseqüentemente, maior contato com usos não-padrão (menor pressão da norma gramatical imposta pela escola) e o aumento dos índices educacionais na cidade do Rio de Janeiro (Tabela 8), de uma década para a outra, como já se assinalou em relação a outros fenômenos (Callou & Almeida, 2009).

Dados demográficos	Salvador		Rio de Janeiro	
	Censo 70	Censo 91	Censo 70	Censo 91
População residente	1.007.195	2.075.272	4.251.918	5.480.772
População imigrada	297.584	646.821	1.800.822	1.517.232
População alfabetizada	650.679	1.467.593	3.283.600	4.255.625

Tabela 8- Dados demográficos das duas cidades, nas duas décadas (IBGE)

Referências

- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (1999) Gramática descriptiva de la Lengua Española 2. *Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa Calpe, S. A.
- Callou, Dinah & Erica Almeida (2009) Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. In *Textos selecionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga 2008. Lisboa: APL, pp. 161-168.
- Labov, William (1994) *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell.
- Mateus, Maria Helena *et al.* (2004) *Gramática da Língua portuguesa*. 6ª ed., Lisboa: Caminho.
- Neves, Maria Helena Moura (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp.
- Pimpão, Tatiana (1999) *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Pintzuk, Susan (1998) VARBRUL programs. Ms.
- Poplack, Shana (1992) The inherent variability of the French subjunctive. In Christiane Laeufer & Ternell Morgan (eds.) *Theoretical Analyses in Romance Linguistics*. John Benjamins, pp. 235-263
- Rivero, Maria Luisa (1971) Mood and Presupposition in Spanish. In: *Foundations of Language* 7 pp. 305-336.